O GERÚNDIO E AS LEITURAS CONCRETAS E IMAGINATIVAS DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

PATRÍCIA DE ARAÚJO RODRIGUES
(Pontifícia Universidade Católica do Paraná)

ABSTRACT *The aim of this paper is to discuss the structure of gerundive complements when they follow a perception verb in Brazilian Portuguese. It's shown that these complements are three way ambiguous with a concrete reading of perception verbs, while with a imaginative reading they can only be analyzed as small clauses.*

1. INTRODUÇÃO

É um fato bastante conhecido que a interpretação dos verbos de percepção não agentivos¹ (*ver, ouvir, sentir*) pode variar conforme o tipo sintático de seu complemento. A presença de complementos com tempo finito nas construções perceptivas implica uma interpretação indireta do verbo de percepção, enquanto a presença de complementos com o infinitivo implica uma interpretação direta (Akmajian, 1977; Guasti, 1993; Labelle, 1996; Boivin, 1998; Felser, 1999; Miller e Lowrey, 2003; entre outros). No caso da interpretação indireta, ilustrada por (1a), o complemento descreve uma inferência realizada a partir da percepção, ou seja, a relação entre o experienciador da percepção e o que é percebido não é necessariamente uma relação direta; no caso da percepção direta, ilustrada por (1b), o complemento descreve uma percepção física (visual, no caso do verbo *ver*), e o contato do experienciador da percepção com o que é percebido pode ser definido como direto.

- (1) a Eu vi (pelo seu jeito) que a Maria brigou com seu filho.
 b Eu vi (*pelo seu jeito) a Maria brigar com seu filho.

Em português brasileiro (PB), a presença de complementos com gerúndio nas construções perceptivas também implica a percepção direta (2).

- (2) Eu vi (*pelo seu jeito) a Maria brigando com seu filho.

¹ A classe de verbos de percepção não-agentivos é definida em função do papel passivo que possui o sujeito desses verbos na percepção e opõe-se à classe dos verbos de percepção agentivos, como olhar, cujo sujeito possui um papel ativo.

A ambigüidade entre as leituras direta e indireta não é, entretanto, a única observada quando se trata das construções com um verbo de percepção não agentivo: essas construções podem apresentar ainda uma ambigüidade em sua interpretação conforme o contexto de percepção seja concreto ou imaginativo (Olsson, 1976; Lemhagen, 1979; Boivin, 1998; Willems e Defrancq, 2000). Em um contexto concreto, o verbo denota uma percepção direta, enquanto no caso de um contexto imaginativo, a percepção está situada na imaginação do experienciador – o verbo possui o sentido de *imaginar*. Essa ambigüidade pode ser observada na sentença em (3a). Em PB, a principal particularidade a respeito dessa ambigüidade é que ela se manifesta unicamente na presença de complementos com o gerúndio (3b).

- (3) a Maria vê seu filho estudando. (leitura direta ou leitura imaginativa)
 b # Maria não vê seu filho estudar (somente leitura concreta)²

Autores como Declerck (1982) e Felser (1999) propõem que as construções gerundivas do inglês, como a que aparece em (4a), são ambíguas, podendo receber três análises diferentes, parafraseadas em (4b-d)³: i) um constituinte de tipo DP complexo, em que o gerúndio é um modificador do nome (4b); ii) dois constituintes distintos – um DP objeto do verbo de percepção seguido de um adjunto predicativo (ou um predicado secundário, nos termos de Rothstein (2001)) (4c); e iii) um constituinte único oracional complemento do verbo de percepção – o DP que segue o verbo de percepção não é objeto desse verbo, mas sujeito estrutural do predicado subordinado (4d).

- (4) a I saw the moon rising over the mountain. (Declerck, 1982, p. 2)
 b I saw *the moon which was rising over the mountain*.
 c I saw *the moon as it was rising over the mountain*.
 d I saw *the event of the moon's rising over the mountain*.

O objetivo deste trabalho é mostrar que, em PB, enquanto as construções perceptivas concretas com o gerúndio são ambíguas, podendo receber a mesma análise que as construções gerundivas do inglês, as construções perceptivas imaginativas com o gerúndio podem ser analisadas somente como um constituinte único oracional. Utilizaremos o termo *small clause* para nos referirmos à construção gerundiva analisada como constituinte único oracional, considerando que esse termo define uma construção que expressa uma relação sujeito-predicado, em que o predicado é composto por um sintagma adjetival, um sintagma nominal, um sintagma preposicional ou uma forma verbal não finita que forma um constituinte único com seu sujeito.

Desenvolveremos o trabalho como a seguir: na seção 1, argumentaremos que o gerúndio complemento de um verbo de percepção com interpretação concreta é triplamente ambíguo,

² Em nossos exemplos, utilizaremos o presente do indicativo, a negação e os verbos modais, como poder, para facilitar a interpretação imaginativa. Com o presente do indicativo, particularmente, a interpretação imaginativa é mais saliente que a interpretação concreta.

³ Esses autores consideram unicamente a interpretação direta do verbo de percepção.

podendo possuir as três estruturas mencionadas acima; na seção 2, defenderemos que, em um contexto imaginativo de percepção, esse tipo de complemento só possui uma análise possível, a de *small-clause*; na seção 3, apresentamos nossas considerações finais.

1. OS COMPLEMENTOS GERUNDIVOS EM UM CONTEXTO CONCRETO DE PERCEPÇÃO

Apresentamos nessa seção argumentos para mostrar que as construções com gerúndio como complemento de um verbo de percepção com leitura concreta são ambíguas em PB, podendo receber três análises diferentes: um DP complexo, dois constituintes distintos (DP seguido de um predicado secundário) e um constituinte único oracional (*small clause*).

1.1 Um constituinte formando um DP complexo

O gerúndio pode modificar um nome, possuindo assim uma leitura atributiva. É o que nos mostram os exemplos em (5), em que construções gerundivas aparecem em posições típicas dos DPs, como as posições de sujeito (5a) e de objeto da preposição (5b). Como sujeito da frase, esse tipo de construção aciona a concordância em número do verbo, o que é esperado se o núcleo da construção é um nome.

- (5) a [Os discos contendo canções de Natal] vão ser distribuídos amanhã.
b A visão d[a placa indicando a saída do túnel] foi reconfortante.

Nos exemplos em (6), podemos observar que esse tipo de construção pode aparecer como complemento de um verbo de percepção; esses exemplos mostram ainda que a construção gerundiva pode ser modificada por uma relativa não restritiva, o que indica que estes complementos formam um DP complexo, e não uma oração.

- (6) a Você viu [_{DP}o disco contendo canções de Natal], que tem a capa verde?
b Você viu [_{DP}a placa indicando a saída], da qual a Maria falou?

1.2 Dois constituintes distintos

Nesta análise, o DP que antecede o gerúndio é o objeto do verbo de percepção, e o gerúndio, um adjunto predicativo.

1.2.1 As propriedades de seleção do verbo

Verbos do tipo de *avistar*, que selecionam um DP (7a), mas que não selecionam um complemento oracional (7b), aceitam um complemento gerundivo (7c). Isto indica que os complementos com gerúndio, neste caso, não devem ser analisados como um constituinte

único oracional, mas sim como dois constituintes distintos. Acreditamos que, se essa análise está disponível para verbos do tipo de *avistar*, ela deve também estar disponível para a totalidade dos verbos de percepção.

- (7) a Nós avistamos Maria.
 b *Nós avistamos que Maria comprava um vestido.
 c Nós avistamos Maria comprando um vestido.

1.2.2 O predicado secundário orientado para o sujeito

Os exemplos em (8) mostram que o gerúndio pode ser analisado como um adjunto predicativo orientado para o sujeito. Na realidade, nesses exemplos, o gerúndio deve receber essa análise, pois nem *comendo pipoca* em (8a), nem *viajando pela África* em (8b) podem predicar dos DPs *o filme* e *muita pobreza*. Se o gerúndio pode ser analisado como um adjunto predicativo orientado para o sujeito, ele também deve poder ser analisado, em sentenças como a que aparece em (9), como um adjunto predicativo orientado para o objeto.

- (8) a Pedro viu o filme comendo pipoca.
 b João viu muita pobreza viajando pela África.
(9) João viu Pedro correndo no parque.

1.2.3 Interpretação dos advérbios

A distribuição sintática dos modificadores adverbiais pode igualmente nos ajudar a mostrar que é possível analisar os complementos gerundivos como dois constituintes distintos. Os advérbios, de acordo com Stowell (1991), possuem alcance no constituinte em que aparecem. Assim, no caso dos complementos gerundivos dos verbos de percepção, se um advérbio aparecendo entre o DP e o gerúndio pode modificar o verbo de percepção, podemos pensar que esse DP faz parte da oração matriz, ou seja, que ele é objeto do verbo de percepção. É o caso da sentença em (10a), em que o advérbio *freqüentemente* possui alcance sobre *ver*. Dessa forma, o DP *Maria* pode ser analisado como objeto do verbo de percepção. É também o caso da sentença em (10b), em que o advérbio *nitidamente* só pode modificar o verbo *ver*, pois não é semanticamente adequado para modificar o predicado *saindo de casa*.

- (10) a João vê Maria freqüentemente trabalhando.
 b João viu a Maria nitidamente saindo de casa.

1.3 Constituinte único oracional

Uma das análises possíveis para as construções com gerúndio é a de constituinte único que descreve um evento ou situação (Felser, 1999). Os exemplos que seguem

sustentam esta análise, mostrando que podemos considerar como objeto do verbo de percepção o complemento como um todo.

1.3.1 A percepção do sujeito da encaixada

No exemplo em (11a), podemos constatar que o complemento com o gerúndio é possível mesmo quando o DP que segue o verbo de percepção é abstrato, como o DP “minhas idéias”, que não pode ser percebido diretamente. Os exemplos em (11b) e em (11c) mostram que este DP não pode ser considerado como objeto de percepção. Já os exemplos em (12) e em (13) mostram que a percepção da entidade denotada pelo DP que segue o verbo de percepção não é necessária. Podemos concluir que, nesses exemplos, o objeto de percepção não é o DP que antecede o gerúndio, mas sim o evento ou a situação denotada pelo complemento.

- (11) a Eu vi minhas idéias impondo-se com facilidade.
 b *Minhas idéias foram vistas impondo-se com facilidade.
 c *Eu vi minhas idéias.
- (12) a Eu vi a bomba explodindo.
 b #Eu vi a bomba.
- (13) a Eu ouvi a terra tremendo.
 b #Eu ouvi a terra.

1.3.2 Expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas formadas por um DP sujeito fixo e por um sintagma verbal podem nos ajudar a mostrar que os complementos gerundivos dos verbos de percepção formam um constituinte único oracional. Essas construções são geralmente vistas como unidades sintáticas que carregam um significado idiossincrático, cujo sujeito não é referencial. Assim, o fato de poderem aparecer como complemento de um verbo de percepção, como nos exemplos em (14), indica que o DP que segue esse verbo não pode ser analisado como seu objeto (Felser, 1999). Em outras palavras, esse DP só pode ser entendido como sujeito da encaixada, e não como objeto do verbo matriz. Nos exemplos em (14), o que podemos ver, efetivamente, é o evento denotado pela expressão idiomática: nem o DP *a vaca* em (14a) nem o DP *a coisa* em (14b) podem ser considerados como objeto do verbo de percepção.

- (14) a Vimos a vaca indo pro brejo no ano passado.
 b Pedro viu a coisa pegando fogo na reunião esta manhã.

1.3.3 O adjunto orientado para o sujeito

A presença, nas construções perceptivas, de um adjunto tendo como sujeito uma categoria vazia argumental PRO nos dá igualmente indícios sobre a estrutura do complemento do verbo de percepção (Felser, 1999). No contexto de uma frase constituída por uma oração

principal mais um adjunto, PRO é controlado pelo DP sujeito da principal (Raposo, 1992, p. 336), como nos mostra o exemplo em (15a), em que PRO, que aparece como sujeito do adjunto, é controlado pelo DP *eu*, o sujeito da sentença, e não pelo DP *a Maria*, objeto do verbo principal. Esse adjunto constitui então um adjunto orientado para o sujeito. No contexto de uma sentença constituída por uma oração principal, uma encaixada e o adjunto, como a que aparece em (15b), o adjunto pode modificar tanto a oração matriz, como a encaixada. Por isso, a sentença é ambígua: PRO pode ser controlado tanto por *os pais*, sujeito da matriz, quanto por *as crianças*, sujeito da encaixada.

- (15) a Eu encontrei [a Maria] [antes de PRO sair de casa]
(Raposo, 1992, p.336)
b Os pais viram que as crianças beijaram a professora [antes de PRO ir para casa]

Quando temos um adjunto orientado para o sujeito em uma construção perceptiva com um complemento gerundivo, como em (16), constatamos que PRO também pode ser controlado tanto pelo sujeito da matriz, *os pais*, quanto pelo DP que segue o verbo de percepção, *as crianças*. Isso indica que, nesse caso, o DP *as crianças* funciona como sujeito da gerundiva, e não como objeto do verbo de percepção, pois ele pode controlar PRO no adjunto.

- (16) Os pais viram as crianças beijando a professora [antes de PRO ir para casa].

Além de PRO, podemos ter igualmente como sujeito de um adjunto a categoria vazia *pro*. Modesto (2000) sustenta que somente um DP sujeito pode servir como antecedente para *pro* em PB; explicando melhor, o sujeito nulo de uma frase finita não pode ter um objeto como antecedente. Em (17), temos exemplos em que o sujeito nulo *pro* está presente em um adjunto. Em (17a), em que o complemento do verbo de percepção é um DP, *pro* pode tomar como antecedente o DP sujeito *o João*, mas não o DP objeto *o Pedro*. Em (17b), em que o complemento do verbo de percepção é uma gerundiva, o sujeito nulo *pro* do adjunto pode se referir tanto ao DP *o João*, quanto ao DP *o Pedro*. Esses fatos indicam que o DP *o Pedro* pode efetivamente ser analisado como o sujeito da gerundiva em (17b). Em outras palavras, esse complemento pode ser analisado como uma *small clause*.

- (17) a O João viu o Pedro [quando *pro* voltava para casa]
b O João viu o Pedro beijando a Maria [quando *pro* voltava para casa]

1.3.4 Extração

A extração a partir de um complemento gerundivo é possível em PB, como podemos observar nos exemplos em (18). Dado que a extração a partir de um argumento é possível, enquanto a extração a partir de um adjunto constitui uma violação das restrições sobre movimento, podemos concluir que o complemento gerundivo em PB é um argumento do

verbo de percepção, o que confirma a análise em termos de constituinte único que denota um evento.

- (18) a Qual livro_i que você viu a Maria lendo t_i?
b Com quem_i que você viu a Maria conversando t_i?

Pelo exposto acima, acreditamos que as construções gerundivas complementos de um verbo de percepção com leitura concreta são triplamente ambíguas, podendo ser analisadas como um constituinte único denotando um evento, como um DP seguido de um predicado secundário ou como um DP complexo.

3. OS COMPLEMENTOS GERUNDIVOS EM UM CONTEXTO IMAGINATIVO DE PERCEPÇÃO

Argumentamos nesta seção que a estrutura de *small clause* é a única possível para os complementos gerundivos de um verbo de percepção com interpretação imaginativa. Nesse contexto, portanto, essas construções não apresentam a ambigüidade verificada no contexto concreto de percepção.

3.1 Predicado secundário orientado para o sujeito

Como vimos na seção 1.2.2, com a leitura concreta do verbo de percepção, o gerúndio pode formar um predicado adjunto, o que permite uma relação de predicação dessas construções tanto com o sujeito da frase, quanto com o objeto do verbo de percepção, como no exemplo em (19), em que tanto *o João* como *o Pedro* podem estar *correndo no parque*.

- (19) O João viu o Pedro correndo no parque.

Com a leitura imaginativa do verbo de percepção, entretanto, não existe relação de predicação possível entre o gerúndio e o sujeito da frase. Assim, em construções como as que aparecem em (20), em que não se pode relacionar semanticamente o gerúndio com o DP que o antecede, a interpretação imaginativa é impossível. A interpretação concreta é a única disponível para essas sentenças, com o gerúndio formando um predicado secundário orientado para o sujeito. Já nas sentenças em que a relação de predicação entre o gerúndio e o DP que o antecede é possível, a interpretação imaginativa está disponível, como no exemplo em (21). Esses fatos sugerem que os complementos gerundivos dos verbos de percepção com leitura imaginativa formam um constituinte único oracional.

- (20) a. Pedro vê o filme comendo pipoca.
b. João vê muita pobreza viajando pela África.
(21) O João vê o Pedro correndo no parque.

3.2 Interpretação do advérbio

Com a leitura imaginativa do verbo de percepção, pode-se observar que um advérbio localizado entre o DP e o gerúndio não modifica o verbo principal, possuindo alcance apenas no interior do complemento. Assim, em (22a), quando *ver* é interpretado imaginativamente, *freqüentemente* só pode referir-se ao trabalho de Maria, e não à imaginação de João. Esses fatos indicam que esses complementos formam um constituinte oracional único, estabelecendo um domínio para a interpretação do advérbio. Confirmando essa análise, temos, sob interpretação imaginativa do verbo de percepção, a aceitabilidade da frase em (22b), em que um advérbio – *freqüentemente* – modifica o verbo de percepção e outro – *raramente* – modifica o complemento.

- (22) a O João vê a Maria freqüentemente trabalhando.
b O João vê freqüentemente a Maria raramente trabalhando.

3.3 DP complexo

Com a interpretação imaginativa do verbo de percepção, a análise do complemento com o gerúndio como um DP complexo parece não estar disponível em PB. Quando consideramos, por exemplo, a construção em (23), em que o complemento com gerúndio *contendo canções de Natal* é um modificador do nome *disco*, constatamos a dificuldade de atribuir ao verbo *ver* uma interpretação imaginativa. Somente a interpretação concreta parece disponível. Na verdade, a leitura imaginativa é muito difícil em presença de um simples DP objeto, como pode-se observar em (24). Estes fatos sugerem que os complementos com gerúndio sob interpretação imaginativa do verbo de percepção não podem ser analisados como um DP complexo.

- (23) Eu posso ver [_{DP} o disco contendo canções de Natal]
(24) Eu posso ver o disco / um disco / o disco novo

Os fatos analisados nessa seção indicam que os complementos com gerúndio de verbos de percepção com interpretação imaginativa só podem ser analisados como *small clauses*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, vimos neste trabalho que as construções gerundivas complementos de um verbo de percepção com interpretação concreta são triplamente ambíguas, podendo ser analisadas como um constituinte único oracional, como um DP seguido de um predicado secundário ou como um DP complexo. Em seguida, mostramos que, quando a interpretação do verbo de percepção é imaginativa, a única análise disponível para esses complementos é a de constituinte único oracional.

Acreditamos que esses fatos apontam para uma relação direta entre a diferença de interpretação dos verbos de percepção (concreta e imaginativa) e a diferença na sintaxe dos seus complementos, no sentido de que a diferença na interpretação desses verbos pode derivar da diferença sintática observada. Os fatos analisados neste artigo mostram também que construções sintáticas distintas são compatíveis com os verbos de percepção com interpretação concreta. Acreditamos que essas construções correspondem igualmente a tipos semânticos distintos, o que tornaria esses dados importantes para a compreensão da seleção semântica realizada pelos verbos de percepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKMAJIAN, Adrian. (1977). The Complement structure of perception verbs in autonomous syntax framework. In CULICOVER, Peter W.; WASOW, Thomas; AKMAJIAN, Adrian (Org.). *Formal syntax*, New York : Academic Press, p. 427-460.
- BOIVIN, Marie Claude. (1998). Complementation and interpretation : the concrete and imaginative readings of 'visual' perception verbs, *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, Mass., n. 25, p. 103-123.
- DECLERCK, Renaat. (1982). The Triple Origin of Participial Perception Verb Complements. *Linguistics Analysis*, vol. 10, p. 1-26.
- FELSER, Claudia. (1998). Perception and control: A minimalist analysis of English direct perception complements. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 34, p.351-386.
- _____. (1999). *Verbal Complement Clauses*. Amsterdam : John Benjamins.
- GUASTI, Maria Teresa. (1993). *Causative and Perception Verbs. A Comparative Study*. Torino: Rosenberg & Sellier, 194 p.
- LABELLE, Marie. (1996). Remarques sur les verbes de perception et la sous-catégorisation. *Recherches linguistiques de Vincennes*, vol. 25, p. 83-106.
- LEMHAGEN, Gunnar. (1979). *La concurrence entre l'infinitif et la subordonnée complétive introduite par que en français contemporain*. Uppsala : Uppsala Universitet.
- MILLER, Philip; LOWREY, Brian. (2003). La complémentation des verbes de perception en français et en anglais. In : MILLER, Philip; ZRIBI-HERTZ, Anne (Org.). *Essais sur la grammaire comparée du français et de l'anglais*, Paris : Presses Universitaires de Vincennes, p. 131-188.
- MODESTO, Marcello. (2000). Null subjects without 'rich' agreement. In: KATO, Mary; NEGRÃO, Esmeralda V. (Org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Vervuert-Iberoamericana. p. 147-174.
- OLSSON, Kerstin. (1976). La construction : verbe + objet direct + complément prédicatif en français. Aspects syntaxiques et sémantiques. Thèse de doctorat, Stockholm, Université de Stockholm, 198 p.
- RAPOSO, Eduardo. (1992). *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.

RODRIGUES – O gerúndio e as leituras concreta e imaginativa...

ROTHSTEIN, Susan. (2001). *Predicates and their subjects*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers.

STOWELL, Tim. (1991). Small Clause Restructuring. In FREIDIN, Robert (Org.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge : MIT Press. p. 182-218.

WILLEMS, Dominique; DEFRANCO, Bart. (2000). L'attribut de l'objet et les verbes de perception . *Langue Française*, vol. 127, p. 6-20.